

Família adotante: estudo de caso de adoção tardia

Family adopter: case study of late adoption

Márcia Luzia Silva de Oliveira*
Celina Maria Colino Magalhães**
Janari da Silva Pedroso***

Resumo: A pesquisa descreve episódios de uma família adotante de gêmeos na faixa etária de três anos e meio. Foram realizadas entrevistas semiestruturada com o casal na faixa etária de 50 a 63 anos de idade. A entrevista abordou eixos sobre o relacionamento conjugal, familiar, motivação e adoção. As respostas foram categorizadas em temáticas. Os principais resultados apontaram que, desde o início da relação, o casal já vivenciava diversas transições. Constata-se que após a adoção, o papel da parentalidade gera um período de conflitos, crises, dificuldade em orientar, educar, estabelecer regras e limites as crianças que viveram institucionalizadas desde os sete meses de vida. Além disso, o casal enfrenta a carga de preconceitos da sociedade em geral, das pessoas mais próximas em relação à decisão de adotarem crianças maiores. Destaca-se que é necessário suporte psicológico as famílias adotantes durante e após o processo de adoção tardia e a importância de um estudo longitudinal.

Palavras-chave: Adoção tardia, família adotante, parentalidade.

Abstract: This research describes episodes of an adoptive family with twins aged three and a half years. Thus semistructured interviews were conducted with the couple in the age group 50-63 years old. The interview covered different axes shafts on the marital relationship, family, motivation and adoption. Reports were categorized into themes. The main results show that since the beginning of the relationship, the couple already experiencing several transitions. It appears that after the adoption, the role of parenting creates a period of conflict, crisis, difficulty in orienting, educating, establishing rules and limits children who lived institutionalized

* Mestre do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA. E-mail: marluzia@ufpa.br

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA. E-mail: celinaufpa@gmail.com

*** Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. E-mail: jsp@ufpa.br

since seven months. In addition, the couple faces the burden of prejudices of society at large, the people closest to the decision to adopt older children. Emphasis is placed on the necessity of psychological support families adopters during and after late adoption process and the importance of a longitudinal study.

Keywords: Late adoption, adoptive family, parenting.

Para entender a família segundo a teoria estrutural sistêmica, inicialmente deve-se compreender a base filosófica que norteia o conceito sistêmico, a Teoria Geral de Sistema (TGS). Bertalanffy (1975), biólogo alemão, um dos mais importantes cientistas do século XX, elaborou a TGS. Segundo o autor é uma teoria que visa melhorar a compreensão sobre sistemas abertos, que estão constantemente interagindo com o meio ambiente. Assim, nessa visão, o sistema é qualquer organismo em mútua interação, que caracteriza um conjunto de elementos interdependentes e integrados que formam um todo organizado, podendo ser composto de sistemas menores denominado de subsistemas. Com base nos estudos de Bertalanffy, Minuchin (1982) defende a abordagem estrutural do modelo familiar. Por meio da teoria sistêmica, é possível analisar a família, uma rede complexa de relações em que se diferencia e exerce suas funções através de subsistemas.

As mudanças inerentes aos sistemas abertos representam as transformações ocorridas ao longo do ciclo de vida. Assim, essas mudanças no desenvolvimento caracterizam transições. Quando um casal se une, forma-se um novo subsistema familiar, processos de mudanças são caracterizados no contexto em que a díade esta inserida, bem como o desenvolvimento de estratégias adequadas que são acomodadas e assimiladas às preferências um do outro. Os papéis mudam se antes a rotina que tinham a dois, por exemplo, agora com o nascimento de um novo membro precisam desempenhar tarefas domésticas de como cuidar de uma criança e a necessidade de se adequarem ao novo ritmo de vida, o funcionamento de um interfere sobre o outro (MINUCHIN, 1982).

Sobre tornar-se um casal Carter e McGoldrick (1995) enfatizam que é uma das transições mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar. Assim, a forma como o casal vivencia a sua relação conjugal vai ser especialmente importante na transição da conjugalidade para parentalidade, sobretudo por representar um período de *stress*, crise e alterações de papéis quando nasce uma criança.

Estudos de Bossardi e Vieira (2010) e Sutter e Bucher-Maluschke (2008) salientam que a estrutura familiar ultimamente passa por transições nos papéis maternos e paternos, na medida em que os pais desempenham papéis e funções diferenciadas na dinâmica familiar. De acordo com esses autores, no contexto atual, o papel da mulher no mercado de trabalho reflete mudanças na função do pai em tornar-se o cuidador dos filhos.

Na pesquisa de Andrade, Costa e Rossetti-Ferreira (2006) com pais adotivos de recém-nascidos também se verificou a função do pai cuidador e provedor, bem como o apoio à esposa na preparação do banho, trocar fraldas ou simplesmente ser um ajudante de alguns cuidados infantis, por acreditarem que há cuidados específicos de papéis femininos. Os resultados do estudo apontam que a mulher é a principal responsável pelo cuidado dos filhos e tarefas domésticas.

Percebe-se diante da transição da conjugalidade para parentalidade biológica ou adotiva não haver diferenças na construção de tornar-se pai e mãe. Acredita-se que seja relevante dar uma atenção na literatura sobre o que é adoção e suas especificidades.

ADOÇÃO

O termo adoção vem do latim *adoptare*, isto é, aceitar, escolher, desejar uma criança gerada por outros. Segundo Souza (2008) adotar é o desejo de exercer a parentalidade. Ainda para a autora, adoção é um processo judicialmente legal e seguro, para o qual se exige a preparação emocional dos candidatos adotantes. Schettini Filho (1998) corrobora a autora a importância da preparação e espera de uma "gestação adotiva". O autor ressalta que adotar não é simplesmente realizar o sonho da parentalidade no preenchimento de um vazio existencial, bem como a busca de companhia ou simplesmente em poder ajudar uma criança que se encontra institucionalizada. Para o autor adotar é pensar nos direitos da criança em primeiro lugar. Schettini (2007) afirma que a adoção precisa ser bem orientada e planejada e não o desejo de ajudar uma criança.

Mariano e Rossetti-Ferreira (2008) salientam que a adoção constitui-se em uma das formas de colocação de crianças e adolescentes em uma família substituta, pressupondo-se a perda do poder familiar pelos pais biológicos e a aquisição de um novo vínculo de filiação pela criança. Desse modo, a adoção não parece como um

meio de resolver problemas sociais, como abandono e a institucionalização, mas sim como um direito de todo indivíduo a ter uma experiência de convivência em família, seja biológica ou adotiva.

MOTIVAÇÃO PARA ADOÇÃO

Na compreensão da motivação que levam candidatos a adoção emerge o desejo para parentalidade através dos vínculos afetivos e afinidades que independem dos laços sanguíneos. O desejo de se consolidar um vínculo de parentalidade em função da não ligação biológica, pode levar os pais adotivos a idealizarem suas crianças com eles próprios ou comparando-as a algum membro da família. Tais expectativas priorizam toda a dinâmica da adoção, o que consolida a aceitação da criança real por eles imaginada (VARGAS, 1998).

Ebrahim (2001) comparou uma amostra de 27 adotantes tardios e 55 adotantes precoces (bebês). Os resultados apontam a hipótese de que adotantes tardios fossem mais altruístas, maduros e estáveis emocionalmente, têm um nível socioeconômico superior mais elevado, possuem filhos biológicos em comparação aos adotantes precoces. As principais conclusões indicaram que os adotantes tardios agem por uma orientação altruísta o que influencia a forma de como o ser humano responde a necessidade do outro. Ainda no que tange à motivação, Weber (2011) pondera que os adotantes altruístas não escolhem a criança ou se preocupam com características físicas.

Os resultados do estudo de Reppold e Hutz (2003) destacam vários motivos para adoção, que vão desde problemas de infertilidade e o interesse social de cuidar de uma criança. Os autores classificam as motivações em: altruístas relacionadas ao desejo social de beneficiar uma criança ou adolescente, e hedonistas aquelas relacionadas ao desejo pessoal de ter um filho. Souza (2008) corroborando as autoras salienta que o desejo pela parentalidade adotiva não pode ser realizada de forma impulsiva, por piedade ou gratidão tão pouco para alcançar a realização de metas pessoais.

O estudo de Denby, Alford e Ayala (2011) relatam processos de adoção de crianças e adolescentes nos EUA. Os resultados do estudo indicam que as motivações a adoção foram infertilidade da mulher, o desejo pela parentalidade e impossibilidade de nova gravidez por adotantes com filhos biológicos. Destaca-se ainda, que, os

adotantes solteiros, de meia idade e os casais homoafetivos preferem adoção de crianças maiores, por não terem o desejo de passarem pela experiência de cuidar de um bebê.

Aproveitando a ênfase dada às motivações sobre processos de adoções que a literatura acima destacou, volta-se agora à discussão para a questão da adoção tardia, principalmente no Brasil. No contexto brasileiro, candidatos à adoção fazem fila à espera de bebês, se comparados a adoção tardia.

ADOÇÃO TARDIA

A literatura sobre adoção de crianças maiores utiliza o termo *adoção tardia* em que é designada a partir da faixa etária de dois anos (COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2007; EBRAHIM, 2001; SCHETTINI, 2007; WEBER, 2011). Os resultados obtidos nos estudos de Oliveira e Reis (2012) sobre o perfil dos adotantes inscritos no Cadastro Nacional de Adoção – CNA revelam que as pessoas inscritas manifestaram preferência por bebês, meninas, brancas, com até três anos de idade. Sabe-se que poucas crianças estão disponíveis e se encaixam no perfil exigido. Essa realidade também foi apontada nos estudos de VARGAS (1998) e WEBER (2011).

Costa e Rossetti-Ferreira (2007) enfatizam as dificuldades de adaptação, construção das regras, mudanças na rotina do casal e a relação de parentalidade e de afeto com uma criança maior. As autoras argumentam que estratégias são necessárias a esta faixa etária para facilitar a vinculação afetiva. Ainda, as autoras consideram a adaptação uma fase complexa porque as crianças interagem e apresentam suas próprias opiniões.

O período de convivência muda a rotina dos membros da família, bem como a dinâmica e estrutura da organização de novas regras na casa. Os resultados do estudo de Merçon-Vargas, Rosa e Dell'Aglio (2011) acerca de adoções de grupos de irmãos tardios na faixa etária entre seis a trezes anos, apontam a presença do afeto no estabelecimento das relações proximais se constitui como principal elemento para superar mudanças.

Estudos de Magán e Tarazona (2007), Abella et al. (2007) corroboram os estudos anteriores, mostrando a importância de redes de apoio social a famílias adotantes nas regiões de Valência e Catalunia, no sentido do assessoramento aos pais e filhos, frente a situações de tensão e conflitos, referentes a problemas de

comportamento, tais como agressividade, aceitação de regras e limites no período inicial de convivência.

Brioschi et al. (2012) apontam a aceitação dos gêmeos por parte da família em virtude da presença de outros casos de adoção, bem como a efetivação de uma política que desmitifique preconceitos que envolvem adotantes e adotados. As autoras salientam também que alguns relacionamentos de amizade do casal foram rompidos em razão do preconceito com a adoção. Schettini (2007) relata que a adoção tardia provoca na sociedade, impactos, por expor as diferenças entre os adotantes e adotados.

MÉTODO

Estudo de caso único (Yin, 2005). Os participantes foram selecionados por critério de conveniência. Para fins de manter o anonimato, os nomes usados são fictícios. Foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada composta por 23 perguntas em torno das seguintes questões: a) relacionamento afetivo do casal (três itens), b) motivação do casal para adoção (três itens), c) trajetória do casal na adoção (sete itens), d) casal e as crianças (cinco itens) e, e) relacionamento do casal após adoção (cinco itens). As informações levantadas pelo instrumento permitem acessar: 1) Dados da rotina: atividades compartilhadas pelo casal, rotina com a família de origem e amigos antes da adoção; 2) Dados sobre a motivação do casal para adoção: de quem foi à ideia, como surgiu e sobre a decisão compartilhada; 3) Dados sobre a trajetória do casal na adoção: sobre o perfil da criança, a preparação para adoção, acompanhamento especializado, o compartilhamento da ideia com familiares e amigos, apoio recebido; 4) Dados sobre o casal e as crianças: organização do quarto, chegada das crianças, o sentimento em estar com os gêmeos, a primeira semana e a apresentação dos gêmeos na família e aos amigos; 5) Dados sobre o relacionamento do casal após adoção: a rotina da família, atividades compartilhadas com a família extensa e amigos, o cuidado com os gêmeos e a frequência de grupo de apoio à adoção. Outro instrumento foi o Diário de Campo (DC) para o registro das observações, das visitas realizadas a família. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA), foi aprovada com o parecer de nº 233/11.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Eduardo (63 anos) vem de uma família extensa, é caçula entre os 10 irmãos, já teve outros relacionamentos e destes nasceram três filhos Carlos (35 anos), Camila (33 anos) e Marcos (19 anos). Possui cinco netos Karla (18 anos), Kelly (oito anos), Paulo (14 anos), Pedro (oito anos) e Samuel (cinco anos). Ele é aposentado, possui ensino médio completo é católico e casado com Sofia, há 12 anos.

Sofia (50 anos) é caçula, entre sete irmãos, não tem filhos biológicos, funcionária pública, possui nível superior. A partir da entrevista semiestruturada revela *"a sua família não é unida, cada irmão leva a sua vida"*, tem aproximação com a mãe (89 anos) a quem dedica total atenção e cuidado. Suas irmãs mais próximas moram em cidades diferentes. O relato ilustra fronteiras *rígidas* que impedem a comunicação e as funções protetoras da família (MINUCHIN, 1982).

O casal iniciou a relação em 2002, mas com aprovação de Sofia em outro concurso público gerou mudanças em suas rotinas, ela diz em entrevista semiestruturada: *"a gente sempre muito ligado, compartilhava tudo e ele ia e vinha era aquele sufoco, havia uma preocupação de um com o outro... éramos só nós, e os filhos dele adultos moram distantes e também cada qual na sua casa"*. A respeito do discurso, nota-se que o casal tinha uma relação sem brigas e discussões e demonstra existir entre eles nível de diálogo acerca dos aspectos da vida conjugal. Percebe-se que as fronteiras estão anuviadas e conseqüentemente uma menor distância entre a díade (MINUCHIN, 1982).

Em dezembro de 2005 Eduardo teve uma parada cardíaca e por conta do problema de saúde precisou aposentar-se e a partir dessa situação o casal começou a residir na mesma casa. Sofia relata *"ele passou a me acompanhar e havia uma preocupação muito grande minha com ele e ele comigo"*. Com relação à rotina, pontua *"a gente sempre viajou muito, não tinha hora para acordar a não ser por conta do trabalho, inventava vamos sair, combinar com os amigos ou um casal pra jantar, ir à praia"*. Por sua vez, Eduardo menciona terem realizado várias viagens de trabalho, viagens nacionais, internacionais e as programadas à Belém como consulta médica, visitas a mãe de Sofia, a filha e aos outros filhos que vivem em outro estado. Ele relata *"saímos nós dois, nós dois sempre (...) onde está um, está o outro e sempre foi assim e sempre será assim"*.

Entretanto, verificou-se na individualidade de Sofia o desejo de formar uma família, enfatiza ter uma boa vida conjugal ao lado de Eduardo e salienta sua

motivação em tornar-se mãe *“eu acho que o relógio biológico que bateu tarde demais (...)”*. Em entrevista relata que aproximadamente em 1994 perdera as trompas, ovário, e, diante do quadro não ficou traumatizada, pois não tinha planos da maternidade. Contudo, no que tange à adoção, verbaliza:

não sei, comecei a sentir a necessidade de ter alguém (...) a gente tinha uma vida tão boa, tão cômoda pra gente, uma vida muito, muito tranquila, de acordar a hora que quiser, férias, feriado, sábado, domingo, ir pra onde quer, de planejar, programar e de repente se vestir (...) mas comecei a ver famílias, a relação mãe com filhos e eu acho que senti uma invejinha, que apesar de ter criado os meus sobrinhos, ter ajudado a criar, a mãe sempre era mãe, aquela coisa, mãe é mãe e eu era a mãe postiça sempre.

Sofia foi amadurecendo a ideia e até que decidiu contar ao esposo, entretanto, no início ele dizia não, mas, esta conseguiu convencê-lo, conforme as verbalizações do esposo:

A ideia foi dela e eu não discordei, eu não discordei de forma alguma. É como eu sempre falo pra ela o seguinte a nossa diferença de idade são 13 anos e eu não sei até quando eu vou ficar aqui correto?... eu tenho meus filhos e netos. Mas a gente não sabe e um dia que eu for embora ela tem com quem fique já fica amparada. Agora você pode ter a certeza de uma coisa, essa adoção vem de um amor não é. Que não adianta eu querer fazer alguma coisa é só pra agradar A, B, C e D que não tenha amor, eu acho que o amor, ele supera qualquer coisa (Eduardo).

Ao analisar as verbalizações referentes aos motivos que impulsionaram o casal, encontra-se o altruísmo ligado ao papel da esposa e hedonismo ao esposo. Essas formas motivacionais são relatadas em trabalhos como os de (WEBER, 2011; REPPOLD; HUTZ, 2003; EBRAHIM, 2001). Tais estudos apontam para casos de motivações altruístas pelo desejo de tornar-se pai e mãe, e hedonistas ao valorizarem adoção como um ato de amor, caridade, um gesto grandioso de adotar um filho gerado por outros. Salieta-se que motivações diferentes envolvidas na adoção pode ser fator complicador no processo de vivencia da adoção. Como explica Vargas (1998)

pode influenciar conflitos e sentimentos de empatia com a criança ou ainda a ocorrência de uma devolução. Weber (2009) informa que mesmo as motivações convergentes não impedem ao sucesso da adoção, podem modificar-se bem como os vínculos afetivos consolidados.

Após decisão compartilhada, o casal inicia a primeira ação o registro no Cadastro Nacional de Adoção, seguido da participação no curso de pretendentes. Relatam não terem discutido a adoção com os demais familiares ou pessoas próximas. Entretanto, Sofia verbaliza o comportamento de rejeição a ideia de ser mãe adotiva “tu tá doida” ou “ah! É uma boa, legal “. Dados não corroborados aos relatos de Eduardo ao contar aos filhos, familiares e pessoas próximas que iria adotar e recebeu os seguintes comentários: “*Olha isso é uma coisa impressionante, você é uma pessoa de bom coração que faz esse gesto de amor*”, tais respostas indicam que adotar é ajudar uma criança, entretanto, (MARIANO; ROSSETTI-FERREIRA, 2008; SCHETTINI, 2007; SCHETTINI FILHO; 1998) divergem dessa percepção em relação ao exercer a parentalidade adotiva enquanto ato de caridade, mas, o direito do adotante em se viver em família.

MUDANÇAS DO CASAL APÓS A ADOÇÃO DOS GÊMEOS

De acordo com as verbalizações de Sofia mudanças ocorreram após a adoção dos gêmeos

Quando os gêmeos chegaram o casal passou por uma revolução, tudo mudou na nossa vida (...) gente dentro de casa, (...) ter mais pudor com roupa não andar de qualquer maneira enquanto casal que éramos e ficávamos mais a vontade em casa e muitas outras coisas, (...) eu tenho que ficar com eles mais de manhazinha, no dia-a-dia e quando eles retornam da aula.

Em relação à adaptação do casal e as crianças e vice-versa, houve ocorrência de mudanças significativas no ambiente familiar, constata-se a presença rede de apoio, colaboradores, no auxílio aos cuidados com as crianças. Pode-se constatar que a relação do casal antes da adoção era bastante próxima afetivamente. No início da transição para parentalidade Sofia menciona em entrevista “*eu acho que deixei o Eduardo de lado, eu sei disso, muito mesmo, muito (...) não porque eu quis, eu fiquei*

muito cansada, eles estavam sempre na prioridade". Quando as crianças foram incluídas na família, identificou-se a partir das entrevistas que houve uma desestruturação nas fronteiras conjugais, mudanças de papéis a partir da chegada dos gêmeos, o distanciamento da díade e uma triangulação. Sofia enfrenta também uma sobrecarga e precisa se dividir entre os cuidados com as crianças e atenção ao esposo, nota-se dedicação integral aos cuidados maternos. No estudo de (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) os autores salientam que a formação de uma relação triangular baseia-se em relações recíprocas, particularidades da família em sua estrutura e dinâmica, bem como a formação de subsistemas como o parental e fraternal. Assim, a tríade mãe e filhos e revela o relacionamento distante da função paterna e conjugal.

Os estudos realizados sobre transição para parentalidade indicam que vários sentimentos acompanham os pais durante este período de mudanças, Eduardo relata *"que as crianças choravam demais e também como não sabiam o que eram regras e limites se jogavam no chão, tiravam a roupa em qualquer lugar"*. Na percepção dele *"todos os dois eram complicados (...)"*. Ele pontua que na vida do ser humano desde *"quando se nasce tem que ter alguém pra dar regras e limites"*. Salienta-se que o período de adaptação envolve mudanças dos adotantes e adotados, assim como esforços dos pais em promoverem estratégias de interação (SCHETTINI, 2007)

O casal enfrenta diversos conflitos gerados pela adoção, que vão desde aceitação das pessoas, ocorrência de problemas de comportamento das crianças bem como a percepção que o casal tem de suas competências parentais para lidar com as dificuldades apresentadas no período de adaptação. Sofia menciona que a comunicação com o esposo estava conflituosa e a presença da rejeição aos filhos,

não ouviam de jeito nenhum e não me obedeciam de forma alguma, era só ela e ele (...) a impressão que a gente tinha era que eles eram surdos porque eles não ouviam a gente de jeito nenhum, eu levei no otorrino pra ver se tinha alguma coisa, (...) eles não ouviam, não faça e eles faziam entendeu foi assim a gente não teve ajuda, a gente foi agindo por intuição (...)

As consequências da transição para parentalidade sobre a conjugalidade produzem uma variedade de ajustes e adaptações, uma reorganização do sistema familiar, tais resultados são revelados nos estudos de (MERÇON- VARGAS, ROSA;

DELL'AGLIO, 2011; SCHETTINI, 200; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MCGOLDRICK; GERSON, 1987, MINUCHIN, 1982) os autores salientam na estrutura familiar os sentimentos associados aos pais em decorrência da nova dinâmica e possíveis dificuldades no desempenho da função parental.

No período de adaptação o esposo recebe o apoio do filho mais velho em decorrência de conflitos e eventos estressores em função do comportamento emitido pelos gêmeos, em seu papel parental, por mostrar-se distante e com pouca aproximação com as crianças. As experiências de transição para a parentalidade são individuais a cada cônjuge e por serem muitas as mudanças ocorridas nesse período, os pais se sentem muitas vezes paralisados por não saberem como reagir diante de situações aversivas de comportamentos concorrentes emitidos pelas crianças e bem como a necessidade de um apoio. Sofia em entrevista relata *"nunca brigamos e passamos a brigar depois que as crianças vieram"*. Os resultados do estudo de COSTA; ROSSETTI-FERREIRA (2007) vem corroborar com a pesquisa ao enfatizarem possíveis dificuldades de adaptação de pais adotivos com crianças maiores, e a necessidade de estratégias de vinculações e demonstração de afeto.

Pode-se identificar que no decorrer do período de adaptação à medida que o pai começa a interagir com os gêmeos as relações tornam-se mais intensas, ele afirma: *"nós é que temos que ter capacidade de chegar até eles e não deixar que eles venham até nós, é difícil, mas não é impossível a gente vai conseguir se Deus quiser"* (Eduardo). Sofia deixa de ser identificada como figura única na vida dos gêmeos e a figura do pai começa a estar presente nas discussões de cuidado com as crianças. E na sequência dessas informações, Eduardo ressalta *"eu nunca recebi carinho dos meus filhos biológicos como eu recebo dessas duas crianças, é papai e mamãe eu te amo toda hora"*.

É necessário, trazer a discussão referente à questão dos preconceitos e discriminações presentes na sociedade quanto à adoção, como também o contexto social de valorização dos laços sanguíneos como formadores de uma família. Sofia relata os olhares, o comportamento de pessoas em relação à presença das crianças, assim, menciona ter sofrido preconceitos,

"a falta de educação das pessoas de não respeitarem, de não conseguirem se conter e perguntar na frente das crianças, se são de criação, são filhos da empregada e acho que uma coisa que você percebe, não é por ser pessoa de baixa

renda, sem educação, pessoas até instruídas mesmo tiveram essa falta de educação”.

Na literatura estudada os resultados de Schettini (2007) corroboram os dados encontrados na pesquisa. A autora chama a atenção para o impacto que a adoção tardia provoca diretamente na sociedade ao expor as diferenças. (BRIOSCHI et al., 2012) também corroboram o estudo de adoção de bebês gêmeos, ao destacar o preconceito que os pais enfrentam após a adoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo pela parentalidade acontece em um momento específico da vida e são vários os motivos para que essa decisão. De acordo com a concepção de *Sofia* o período de Licença maternidade estabelecido em Lei para as mães que adotam crianças acima de um ano de idade é injusto, visto que de acordo com a compreensão da mesma a criança traz consigo uma “história de vida”, todo um processo que necessita de um período maior para ser conhecido pela mãe adotante, diferente da mãe que adota um bebê recém-nascido, diante disso, menciona:

eu estou muito feliz, muito realizada, muito realizada e principalmente assim é ADOÇÃO TARDIA, ela é muito difícil é um crime o tribunal dá um mês e quinze dias de Licença por achar que por a criança ter mais de um ano vai dar menos trabalho que um recém-nascido, é um ledo engano porque um bebezinho você colocando nas mãos de uma pessoa de confiança a pessoa vai cuidar direitinho, mas uma criança que já vem com uma certa idade, com toda uma bagagem, com todo um processo que você (...) que é a mãe que tem que conhecer e não os outros?

A respeito dessa fala o Regime Jurídico Único dos Servidores do Estado do Pará: Art. 90 – pondera que a servidora ao adotar ou obtiver a guarda judicial de criança até um ano de idade, serão concedidos 90 (noventa) dias de licença remunerada. Parágrafo Único. No caso de adoção ou guarda judicial de criança com mais de um ano de idade, o prazo de que trata este artigo será de 30 (trinta) dias. Assim, a revisão do período de licença a maternidade de trinta dias não ser suficiente para garantia de laços afetivos em tão pouco tempo.

Outra sugestão o preparo dos adotantes com informações das crianças é uma atitude que pode facilitar a adoção. Além do acompanhamento dos adotantes e adotados no pós-adoção, com encontros agendados com os técnicos do judiciário na residência e momentos de escuta junto a outras famílias adotivas.

Espera-se que o estudo possa trazer contribuições junto a famílias adotivas e o incentivo de outros temas relacionados à adoção de crianças maiores, seja de gêmeos ou grupos de irmãos, por constituir temáticas ainda pouco exploradas em nossa realidade acadêmica, bem como um estudo longitudinal da família adotante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELLA, Montserrat et al. El servicio de atención post-adoptiva em Cataluña.

Anuario de Psicologia, 38 (2), 273-281, 2007.

ANDRADE, Raylla Pereira; COSTA, Nina Rosa Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. **Paidéia**, 16 (34), 241-252, 2006.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas**. *Vozes*, 1975.

BOSSARDI, Carina Nunes; VIEIRA, Mauro Luís. Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, 44 (1), 205-221, 2010. O

BRIOSCHI, Ana Maria.; Bronzoni et al. Adoção: estudo de caso de um casal adotante. Mundo Acadêmico/Faculdade Norte Capixaba de São Mateus. São Mateus:

UNISAM, 4 (7), 23-29, janeiro/junho, 2012.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar** (2º ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 20 (3), 425-439, 2007.

DENBY, Roman W. et al. The journey to adopt a child Who has special needs: parent's perspectives. **Children and youth services review**. 33, 1543-1554, 2011.

EBRAHIM, Surama Gusmão. Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 14 (1), 73-80, 2001.

MAGÁN, María; TARAZONA, Maria Carmen. **El servicio de atención post-adoptiva em la comunidad Valenciana. El trabajo social com la familia adoptiva**. Anuario de Psicologia, 38, (2), 259-264, 2007.

MARIANO, Fernanda Neisa; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21 (1), 11-19, 2008.

MERÇON-VARGAS, Elisa Avelar; MARIA ROSA, Edinete; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adoção Nacional e Internacional: processos proximais no período de convivência. **Salud & Sociedad**, 2 (3), 268-283, 2011.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1982.

OLIVEIRA, Eliana Maria Pavan; REIS, Ana Paula. Adoção tardia: um estudo sobre o perfil da criança estabelecido pelos postulantes à adoção. **Revista Jurídica UNIARAXÁ, Araxá**, 16 (15), 105-125, 2012.

REPPOLD, Caroline Tozzi; HUTZ, Claudio Simon. **Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas**. Estudo psicologia, 8 (1), 25-36, 2003.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller. **Filhos por adoção: um estudo sobre o seu processo educativo em famílias com e sem filhos biológicos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

SCHETTINI FILHO, Luiz. **Adoção: origem, segredo e revelação**. Recife: Bagaço, 1999.

SCHETTINI FILHO, Luiz. **Compreendendo os pais adotivos**. Recife: Bagaço, 1998.

SOUZA, Hália Pauliv. **Adoção: exercício da fertilidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**, 39 (1), 74-82, 2008.

VARGAS, Marлизete Maldonado. **Adoção tardia: da família sonhada à família possível**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

WEBER, Lidia Natália Dobriansky. **Adote com carinho: um manual sobre aspectos essenciais da adoção**. Curitiba: Juruá, 2011.

WEBER, Lidia Natália Dobriansky. **Aspectos psicológicos da adoção**. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em Abril de 2013
Aprovado em Julho de 2013